

OS CINQUENTA ANOS DA GUERRA COLONIAL



Pedro Elias

Margarida Calafate Ribeiro reuniu cerca de 10 mil poemas sobre a Guerra Colonial, “excertos de memória individual contra a falha de memória colectiva”, traça

UMA GUERRA FEITA COM POEMAS

LÚCIA CRESPO lcrespo@negocios.pt

Não penses que alguém se interessa. (...) Vamos ser os grandes cornos deste tempo. (...) Quem vai querer saber o que se passou aqui. Ninguém vai pôr em causa os brandos costumes, os mortos serão esquecidos, nós próprios faremos por esquecer, mais tarde ninguém contará. (...) A guerra não existe, um dia vais ver que nunca existiu.

(Manuel Alegre, Jornada de África)

São feridas abertas e não cicatrizes. No durante e no depois. Da guerra. No durante, pela questão bélica, e no depois, porque o “eu” fica sem lugar. O “eu” fragmentado dos combatentes e o das suas famílias. Este “eu estilhaçado” sente-se em cerca de 10 mil poemas agrupados por Margarida Calafate Ribeiro, investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e por Roberto Vecchi, da Universidade de Bolonha. Poesia reunida no

âmbito do projecto de investigação “Poesia da Guerra Colonial: Uma Ontologia do ‘Eu’ Estilhaçado”. Excertos de memória contra a falha de memória colectiva.

São poemas de ex-combatentes, mulheres, “desertores”, filhos de guerra. Poesia de autores directa ou indirectamente envolvidos na guerra. Objectivo político? Margarida Calafate Ribeiro responde. Que a memória da Guerra Colonial deixe de estar apenas ligada à geração que o protagonizou, àqueles que, por azar histórico, tiveram de a fazer, mas que seja uma memória colectiva. Combater o divórcio, enfim, entre a memória individual e a memória colectiva. Transformá-la em memória cultural e não “cultural”, no sentido do culto. Objectivo literário? Provar que o tema da Guerra Colonial marcou o cânone da poesia contemporânea portuguesa, aponta a investigadora.



Título: cmb (da série confidencial/desclassificado: ração de combate) **2007-2008 | Impressão jacto de tinta sobre papel | 72 x 108 cm**

Ribeiras limpas acudi-me.
Vou ficar vivo encostado
a esta memória de trampa.
Os meus olhos já foram brilhantes.
Sei fazer alguns versos mas nem sempre.
Eu narrador me confesso.
A guerra lixou tudo.

(Fernando Assis Pacheco,
excerto do poema “O Garrote”)

“Estamos a lidar com material humano sangrante e é isso que vemos na memória da poesia da guerra: a desrazão (porque é que eu fui mobilizado?). Por outro lado, a guerra foi um dos momentos mais marcantes da vida dos que combateram, que hoje terão 60 anos. A guerra foi o ‘highlight’ da sua vida, foi o sair de um País cinzento, de missas e procissões e de educação básica, para uma outra coisa. ‘África é em Portugal, não aqui’, diziam senhoras que chegavam a Luanda. A guerra gera uma dinâmica económica que Portugal não tinha. São contradições da guerra”, expressa a investigadora. Tudo isto, angústias e contradições estão expressas em poemas.

São textos que rasgam aquele que foi o silêncio de guerra antes do 25 de Abril e após o 25 de Abril. “Antes do 25 de Abril, não se falava da guerra para que ela não existisse. Tecnicamente Portugal estava numa missão de soberania em África”, traça a inves-

tigadora. No pós 25 de Abril, a guerra continuava sem existir, era como algo quase exterior, até mesmo porque não se passou aqui. É também um silêncio típico do pós-guerra. Todas as sociedades têm 20 anos de luto após uma situação traumática”, aponta. “O ex-combatente é, então, alguém que fica sem lugar: parte para defender a pátria, volta quase como anti-herói. É o logro total”, manifesta. “E muitos voltam com a sensação de terem abandonado África e os africanos, contrariando a ética militar de nunca abandonarem os seus homens, independentemente da cor e da ‘nacionalidade’”, salienta.

Com os poemas escritos durante e após a guerra, Margarida Calafate Ribeiro e sua equipa criaram um arquivo “online” que inclui textos de nomes como Fernando Assis Pacheco, Manuel Alegre, José Bação Leal, mas integrada, igualmente, toda uma poesia popular, publicada nas margens ou em publicações militares. O projecto, que culminará numa antologia da Poesia da Guerra Colonial a ser publicada no final de Abril, inclui um espaço para o canto de intervenção de autores como José Mário Branco, Luís Cília, Sérgio Godinho, mas também guarda espaço para a canção popular, para os cancioneiros de guerra, como o Cancioneiro do Niassa e o ainda incipiente “rock” português.

Chega-te a mim
mais perto da lareira
vou-te contar
a história verdadeira

A guerra deu na tv
foi na retrospectiva
corpo dormente em carne viva
revi p’ra mim o cheio aceso
dos sítios tão remotos
e do corpo ileso
vou-te mostrar as fotos
olha o meu corpo ileso

Olha esta foto, eu aqui
era novo e inocente
“às suas ordens, meu tenente!”
E assim me vi no breu do mato
altivo e folgazão
ou para ser mais exacto
saudoso de outro chão
não se vê no retrato

(Sérgio Godinho, Fotos do Fogo)

Nos anos 80, com o “rock” português, há músicos que retomam o tema da guerra. Como os Delfins, com “Aquele Inverno”, ou Rui Veloso, com “O Arménio (O Trolha da Areosa)”, exemplifica Margarida Calafate Ribeiro.

Arménio, era um trolha da Areosa
Que tinha, um par de olhinhos azuis
Que quando, me fixavam no baile
Me deixavam, indefesa e tão nervosa

Arménio, tenho nas minhas gavetas
Aerogramas, cheios de erros de ortografia
Perfumados, entra as minhas meias pretas
Aqueles que te punham, num estado de euforia

Arménio, fui tua madrinha de guerra
Rezei por ti, longas novenas sem fim
Para voltares, inteirinho e sem mazelas
E tu lá ficaste, tão perdido no capim

Arménio, quantos sonhos e planos
Prometeste, que me levavas a Lisboa-o-o-o-o-a
Em Junho, no dia dos meus anos
Bem sabes que a memória é um atributo dos gémeos.

Música: Rui Veloso; Letra: Carlos Tê. **W**

